

## Projeto de Agricultura Urbana na favela Conjunto Palmeira

### João Joaquim de Melo Neto Segundo

Coordenador, Banco Palmas, Brasil - [asmocnp@br.homesshopping.com.br](mailto:asmocnp@br.homesshopping.com.br)

Foto 1: J.J.M.N. Segundo - uma produtora de galinha "caipira" traz aves para vender na feira

Foto 2: J.J.M.N. Segundo - um membro da cooperativa ajuda na construção de um "centro de pesquisa"

*Conjunto Palmeira é uma favela com 30.000 moradores situada na zona sul de Fortaleza, a capital do Ceará, no nordeste do Brasil. Os primeiros habitantes da favela chegaram em 1973 e começaram a construir suas casas espontaneamente, sem acesso a água tratada, energia elétrica, escolas e outros serviços públicos. Em 1981 a Associação de Moradores do Conjunto Palmeira (ASMOCONP) foi fundada, iniciando-se o processo de organização das famílias.*



Aos poucos, a Associação de Moradores começou a trabalhar para desenvolver a vizinhança por meio da mobilização popular e de parcerias com companhias municipais e privadas. Em 1988 foram instalados os serviços de água potável e energia elétrica. Em 1990, graças a uma parceria com a Prefeitura, o governo estadual e a GTZ, os vizinhos construíram coletivamente um canal de drenagem medindo 1.700 m. Novamente, dois anos depois, a Associação organizou os moradores por blocos e iniciou a implantação de uma rede de esgoto, com ajuda do governo estadual. Com essas realizações, o local tornou-se mais habitável.

Apesar desses avanços, uma pesquisa realizada pela Associação em 1997 revelou que a pobreza e a fome ainda devastavam os residentes da favela: 80% deles estavam desempregados, 90% das famílias economicamente ativas ganhavam menos de dois salários mínimos (um salário mínimo equivale a US\$ 80), e o desenvolvimento das microempresas era inviabilizado pelas dificuldades para obterem empréstimos e para venderem seus produtos. Perto de 1.200 crianças ficavam vagando pelas ruas, já que não havia lugar para todas nas escolas. A taxa de analfabetismo alcançava 75% dos moradores.

Em janeiro de 1998, a ASMOCONP estabeleceu o Banco Palmas e implementou uma rede de

solidariedade reunindo produtores e consumidores. O banco garante microcrédito para a produção e o consumo locais, a taxas muito baixas e sem exigências como consultas cadastrais, verificação da renda e apresentação de fiadores. Em um curto período de tempo, o Banco Palmas criou várias iniciativas visando formar uma rede solidária, incluindo a Feira de Produtores Locais, a Loja da Solidariedade, o Clube de Trocas Sociais, a Escola da Solidariedade, etc.

Em outubro de 2000, o Banco Palmas iniciou um programa chamado Incubadora Feminina, para apoiar moradoras da favela que viviam em situações de alto risco, quase sempre analfabetas e sem qualquer treinamento profissional, geralmente responsáveis por suas famílias, muitas vezes mães solteiras, viciadas em drogas etc. O programa inclui uma estratégia de segurança alimentar que garante, por nove meses, acompanhamento nutricional, psicológico e médico e treinamento profissional. Ao final desse período, cada mulher recebe um empréstimo do banco para iniciar um empreendimento produtivo em sua casa.

Combater a fome com o desenvolvimento local tornou-se o grande desafio para o Banco Palmas. As práticas da agricultura urbana atendem perfeitamente às estratégias de segurança alimentar do Banco por que, além de prover alimentos para consumo, o excedente produzido pode ser vendido na Loja da Solidariedade e na feira local, gerando renda para as famílias.

O banco não tinha nenhuma experiência prévia com essas práticas. Entretanto, a experiência agrícola estava disponível na vizinhança, já que a maioria dos habitantes mais velhos vinha de áreas rurais. Alguns moradores começaram espontaneamente a criar pequenos animais para seu próprio consumo, como galinhas, cabras e porcos, cercados nos quintais ou soltos pelas ruas do bairro.

As mulheres ficaram muito entusiasmadas com o desenvolvimento das atividades agrícolas, já que elas tinham estreitas ligações com a vida rural. Para superar a falta de experiência de alguns participantes, um seminário foi organizado no bairro sobre "Guerra contra a fome: um encontro sobre segurança alimentar - reflexões sobre Agricultura Urbana como uma resposta local". O seminário foi um sucesso e reforçou a auto-confiança da equipe do Banco Palma.

Entretanto, a falta de terrenos disponíveis na área para plantios e criação de pequenos animais revelou-se uma dificuldade importante. Por causa do forte êxodo rural e do explosivo crescimento das famílias, todos os espaços inicialmente reservados para campos de futebol, parques e outros espaços públicos tinham sido ocupados pelas casas e barracos dos moradores.

As famílias então decidiram iniciar um projeto em seus próprios quintais, embora eles fossem quase sempre bem pequenos (30m<sup>2</sup> em média), e usados também para outras finalidades. Os quintais se tornaram uma oportunidade concreta, já que juntos somavam uma quantidade considerável de terra, especialmente se organizados em redes. O plano prevê que cada quarteirão se especialize em um tipo específico de colheita, permitindo maior escala de

produção.

Confiando em sua proposta, o Banco Palmas comprou um pequeno terreno vizinho à sua sede, medindo aproximadamente 600m<sup>2</sup>, onde foi implantado um lote experimental de agricultura urbana, com produção de hortaliças, legumes e plantas medicinais, e criação de frangos "caipiras". No futuro, o projeto também desenvolverá atividades de piscicultura e hidroponia. O lote experimental é administrado por duas mulheres da Incubadora, auxiliadas por um técnico agrícola. As participantes da Incubadora recebem treinamento diário sobre como cultivar alimentos de modo orgânico, como respeitar o meio ambiente e como tirar vantagem do lixo orgânico produzido no bairro. Um técnico em Economia Doméstica dá palestras nas quais as participantes refletem sobre a relação entre as pessoas e a natureza, e as riquezas que ela oferece. Outras palestras tratam da qualidade nutricional da comida, da utilidade das plantas medicinais, e da necessidade de se mudarem os hábitos alimentares da comunidade para melhorar o padrão de saúde de sua população.

O Banco Palmas abriu uma pequena linha de crédito para agricultura urbana. Cada mulher que queira ser admitida no projeto pode solicitar um empréstimo de até R\$ 150,00 (cerca de US\$ 50); tendo dois meses de carência seguidos por quinze pagamentos mensais para quitá-lo. Para ter acesso ao empréstimo, as moradoras interessadas devem cumprir as seguintes etapas: submeter um formulário para solicitação do empréstimo; escolher a atividade agrícola que será desenvolvida (cultivo de hortaliças ou criação de frangos "caipiras"); receber uma visita do técnico agrícola na propriedade para uma análise das condições produtivas; passar por treinamento específico (não menor que oito horas sobre a atividade escolhida); e receber, afinal, o empréstimo. Nenhum desses passos pode ser atrasado por entraves burocráticos. Uma família pode começar o seu projeto apenas dois dias após ter solicitado um empréstimo. A prioridade para a concessão dos empréstimos vai para as mulheres que participam da Incubadora, mas o esquema está aberto para qualquer outra que chefiar sua família e viva na vizinhança.

Essa experiência está em seus estágios iniciais. Até agora só foi possível acompanhar cinco mulheres, mas a meta para 2002 é alcançar 100 famílias beneficiárias. Para isso, será necessário superar alguns obstáculos, conforme mostra a tabela abaixo:

<b>Obstáculos</b>	<b>Propostas de soluções</b>
As variações significativas nos tamanhos das propriedades, nas características dos solos, nos níveis dos lençóis d'água e de salinidade etc., tornam difícil ajustar os projetos.	Cabe ao técnico agrícola fazer um estudo para determinar a melhor atividade para cada propriedade, segundo suas características.
A inexistência de muros e cercas adequadas permite a entrada de animais e propicia o roubo dos produtos.	Implementar um projeto de melhoria das cercas e uma campanha para aumentar a vigilância e a auto-estima e reduzir a ociosidade no bairro.

<p>A insuficiência da assistência técnica, principalmente para piscicultura, cultivo e manejo de plantas medicinais, e novas técnicas agrícolas.</p>	<p>O Banco Palmas procurará formar parcerias com a Universidade Federal do Ceará e com a Prefeitura de Fortaleza para obter mais auxílio técnico.</p>
<p>Carteira de empréstimos muito reduzida, limitando o atendimento das solicitações de crédito.</p>	<p>O Banco procurará formar parcerias com outras instituições que trabalham com agricultura urbana e com microcrédito, para aumentar os recursos disponíveis para empréstimos.</p>
<p>Dificuldades para acompanhar os projetos financiados, por causa da distância entre as propriedades e por que a equipe do Banco Palmas é muito reduzida.</p>	<p>Procurar trabalhar com propriedades mais próximas e contratar um técnico em serviços sociais especificamente para acompanhar os projetos.</p>
<p>Escassez e alto custo de estrume e adubos orgânicos.</p>	<p>O Banco preparará um projeto para construção de instalações para transformar o lixo orgânico do bairro em adubo de alta qualidade.</p>

[Sumario Revista No.7](#)